

A PRINCESA E OS TOUROS: FUTEBOL, SIGNOS, SÍMBOLOS E IDENTIDADES CULTURAIS

Homero G. de Andrade¹

RESUMO:

Este artigo é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada: *Futebol e Identidades Culturais: Fluminense de Feira de Santana Futebol Clube e outros contextos* e tem como objetivo analisar o futebol enquanto um esporte que expressa afirmação social, cultural e identitária.

Palavras-chaves: Futebol; Símbolos; Identidade e Cultura.

ABSTRACT:

This article is a part of the dissertation of master curse, and this title is: *Futebol e Identidades Culturais: Fluminense de Feira de Santana Futebol Clube e outros contextos*, and has like an object analyze the soccer like a sport that express social affirmation, culture and identity.

Key-words: Soccer, Simbols, Identity and Culture.

Apresentação:

Por ângulo sociológico, o futebol possibilita o necessário exercício entre o indivíduo e seus contextos, suas mediações e intercâmbios [...] e, igualmente, por um ângulo ontológico, o futebol permite, ainda, a mesma e necessária experimentação entre o real e o simbólico.

(MURAD, 2007: 12)

A formação e afirmação dos símbolos dentro do futebol são construídas através da apropriação das memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 1990). As histórias que são associadas às trajetórias de elaboração de uniformes e bandeiras possuem singularidades marcantes para um time ou para uma seleção nacional. História e Memória são áreas imbricadas uma na outra (Le GOFF, 1996). Segundo o historiador francês Jacques Le Goff, *História e Memória* (1996) a memória coletiva é vista como uma apropriação de poder. Através da memória também podemos contar a história omitindo fatos ou valorizando determinados pontos de vistas.

A partir dos usos e apropriações do discurso memorial reforçamos características de identidades sociais, patrimônios culturais materiais ou imateriais, e reafirmamos

¹ Graduado em História (UEFS), Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade (UEFS), Professor do CEFET-BA / UNEB-Campus XVIII. Correio Eletrônico: homerohistoriador@yahoo.com.br

ideologias. A finalidade de aliar a memória à história para uso social é despertar, no imaginário social, o sentimento de pertencimento, o nacionalismo ou qualquer outro sentimento que nos possibilite reconhecimento como parte de um grupo, torcida ou nação. Segundo Jacques Le Goff:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva

(Le GOFF, 1996: 426)

Marilena Chauí, *Convite à Filosofia* (2002), descreve que a memória é comparada à arte, a “arte da memória”, e que está presente em todos nós, na história documentada, nos monumentos, na arte, na literatura, na música; em todas as intervenções humanas que tenham intenção de registrar alguma mensagem ou sentimento. As associações da memória individual e coletiva são fundamentais para a construção de uma história social coletiva, que nos explica a nossa origem, nosso passado, nossos mitos fundadores, nossos heróis, nossos medos e anseios. Marilena Chauí nos explique que:

A memória social ou histórica é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores e de relatos e registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares que possuem significado para a vida coletiva. Excetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois existe em objetos (textos, monumentos, instrumentos, ornamentos, etc.) e fora de nós.

(CHAUÍ, 2002: 129)

A memória dos torcedores de futebol também tem um processo de formação que envolve fatores objetivos e subjetivos. Para uma torcida os símbolos, de seu time são sagrados. A bandeira no ditado popular do futebol é chamada de “manto sagrado”. Ouvir o hino de seu time ou de seu país desperta em jogadores e torcedores uma emoção muito particular. Ver a torcida adversária queimar a camisa do seu time desperta em muitos torcedores a idéia de insulto (MURAD, 2007).

A criação, aceitação e explicação dos signos de uma torcida podem ser comparadas a apropriação de uma memória. Existem casos de times e seleções, como veremos mais adiante, que possuem explicações que não nascem da coletividade, são

decisões ou sorteios que criam uniformes ou outros símbolos, que através da propaganda e do discurso dominante são capazes de manipular o imaginário social (Carvalho, 1990), fazendo com que os símbolos sejam aceitos e não contestados.

Segundo Maurício Murad, *Violência e futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje* (2007), a memória “é ritualisticamente socializada na liturgia do futebol: EU = individual; SOU = identidade; EQUIPE = coletividade” (MURAD, 2007: 12). Pensando assim, os objetos relacionados ao time podem não possuir memória própria, porém associamos as nossas recordações de torcedor aos símbolos da nossa paixão por um time ou seleção nacional.

Distintivos, uniformes, cores e bandeiras que contam histórias.

Sabemos hoje que o modo como um evento ou objeto é representado pode alterar a percepção que temos, ou a interpretação que deles fazemos.

(LIGIA MEDEIROS, 2004: 17)

A afirmação acima feita por Ligia Maria Sampaio de Medeiros, no livro *Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando* (2004), expressa bem a intenção do desenho enquanto a arte de projetar e comunicar, graficamente, um pensamento, um sentimento, e no caso do futebol, também uma identidade. As representações podem estar nas cores dos times e das seleções, nos uniformes e nos distintivos – símbolos que carregam uma história e relações de significação.

A composição de identidade visual de um time ou seleção de futebol é formada pelos seguintes itens: distintivo ou escudo, camisa, calção, meias, bandeira e mascote. O distintivo geralmente fica localizado na camisa, do lado esquerdo, como o coração, ou no centro da camisa, na altura do peito. A camisa tem as cores e as formas que caracterizam uma das identificações da equipe, como alvinegra, rubro-negra, tricolor, alviverde, colorada, cruz-maltina, etc.

As escolhas das cores e da identidade visual de uma equipe possuem muitas particularidades, que são significativas para a história do time ou da seleção, que vão desde a formação histórica, a representação de um grupo distinto, até relações místicas ou religiosas. Outros times marcam a sua identidade através dos mascotes, que geralmente são personagens que simbolizam o clube. Grande parte dos clubes

brasileiros utiliza animais como mascotes, como o Atlético Mineiro, o Galo; o Flamengo, o Urubu; o Palmeiras, o Porco; o Fluminense de Feira, o Touro, etc. Existem também outros tipo de mascotes, como o Super-Homem, do Bahia; o Mosqueteiro, do Grêmio; o São Paulo, do São Paulo, e até uma criança fazendo xixi, o “Manequinho”, o mascote do Botafogo.



Exemplos de alguns mascotes do futebol brasileiro

Fonte: www.juarezcorrea.com.br

Figura. 01

Há composições visuais de uniformes e símbolos de equipes são referências de famílias nobres ou da realeza. As cores dos uniformes das seleções da Itália, Holanda e Japão que, mesmo sendo diferentes das cores originais de suas bandeiras nacionais, trazem significações identitárias: A bandeira italiana tem as cores branca, vermelha e verde, mas a Federação Italiana de Futebol adotou a cor azul para a camisa da seleção nacional, como uma homenagem à dinastia de “Savóia”, a família real italiana. Na Holanda, a bandeira do país tem as cores branca, vermelha e azul, mas a seleção holandesa de futebol usa a cor laranja no uniforme em homenagem à “Casa de Orange”, que representa a família real holandesa. Os Japoneses, em homenagem à família imperial, têm o uniforme da seleção azul, mas a bandeira do Japão é composta pela cor

branca e vermelha².



Uniformes e bandeiras (da esquerda para direita):
Itália, Holanda e Japão.
Figura. 02

O uniforme principal da seleção brasileira de futebol também possui histórias e significados. Até o ano de 1950, era branco, com detalhes azuis. Na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, após a derrota na final para o Uruguai, o uniforme branco foi considerado azarado. Os jogadores brasileiros, segundo Nelson Rodrigues, sofriam do “complexo de vira-lata”, pois, segundo ele, não jogaram com garra e amor à camisa e ao país para conquistar o título, até então inédito para o Brasil.

Como forma de revitalizar os brios da torcida, a CBD, juntamente com a Rádio Nacional, realizou um concurso para escolher a nova camisa da seleção brasileira. Como critério, o novo uniforme (camisa, calção e meias) deveria ter todas as cores da bandeira do país. O prêmio para o desenhista da nova camisa da seleção brasileira de futebol era uma cadeira vitalícia no Maracanã e um estágio na redação do jornal Correio da Manhã. O vencedor foi o gaúcho Aldyr Garcia. A Revista Gol, de outubro de 2007, publicou uma matéria e uma entrevista com Aldyr Garcia, na qual o autor da camisa esclarece sua criação. Segundo ele, “para o Brasil, a camiseta verde seria mais adequada, mas aí o amarelo sumiria completamente nos detalhes da gola e da manga. Deixei o azul e o branco para o calção e a meia. Fui feliz no arranjo, nada mais” (Revista Gol, nº. 67 – Outubro de 2007).

O detalhe mais curioso do criador do uniforme da seleção brasileira está no fato de ele ser brasileiro, mas torcer justamente pelo Uruguai, conforme revelou na entrevista.

² As famílias reais ou imperiais possuem brasões e cores específicas que as distinguem das outras famílias e dinastias. Como forma de unificação e sentimento de unidade nacional, as seleções citadas adotaram as cores das respectivas famílias reais ou imperiais como uma marca de tradição.

Segundo Aldyr, que é nascido no município gaúcho de Jaguarão, fronteira com o Uruguai, ele sempre ouvia os jogos da seleção celeste³ e aprendeu a torcer por esta seleção. Aldyr Garcia conta também na entrevista que durante a Ditadura Militar sofreu muito em ver sua criação ser usada como propaganda política do governo, uma vez que ele era militante de esquerda, foi preso e torturado por ser opositor dos militares.



Da esquerda para direita: Camisa branca, usada até 1950. A Camisa azul é até hoje o uniforme oficial n.2. O uniforme principal da seleção brasileira de futebol.

Figura. 03

O uniforme reserva da seleção foi escolhido oficialmente em 1958, na Copa do Mundo da Suécia. Na partida decisiva da competição, Brasil e Suécia possuíam camisas iguais, amarelas. Por ser o país sede da Copa, a Suécia tinha a preferência em usar o padrão amarelo, e a seleção brasileira teve que mudar a camisa para o jogo. O chefe da delegação brasileira encontrou em uma loja sueca camisas azuis marinho, e na final da copa, o Brasil jogou com o uniforme azul.

Os brasileiros venceram os suecos, e após a partida o chefe da delegação justificou o uniforme, afirmando que a cor azul marinho simbolizava o manto de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. De 1958 até os dias atuais, a camisa oficial principal da seleção brasileira de futebol é a amarela, com calção azul e meias brancas, e para o uniforme oficial número dois, a camisa é azul, com calção branco e meia azul.

No Brasil também houve casos de uniformes e nomes de times que foram modificados por ordem do governo. No período do Estado Novo (1937-1945), governado por Getúlio Vargas, o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, interferiu no futebol. Nesta ocasião, a perseguição foi contra os times de futebol ligados

³ Celeste ou Celeste Olímpica é o nome afetivo que os uruguaios e a imprensa esportiva chamam a seleção do país, em referência a cor azul celeste da camisa do time e celeste olímpica em homenagem ao fato do Uruguai ter sido a primeira equipe a conquistar duas medalhas de ouro disputando o futebol em uma olimpíada.

a grupos de imigrantes Europeus, em especial os italianos dos times Palestra Itália, do estado de São Paulo, atual Palmeiras, e o Palestra de Minas Gerais, atual Cruzeiro. Como o Brasil estava entrando na II Guerra Mundial combatendo ao lado dos países Aliados (França, Inglaterra e EUA), os imigrantes das nações que faziam parte do EIXO (Itália, Alemanha e Japão) foram perseguidos aqui no Brasil.

O DIP obrigou os times de São Paulo e Minas Gerais a retirarem o nome “Palestra Itália” e a apresentar novos nomes. Cores e símbolos foram utilizados como formas de representação da resistência de uma identidade cultural. O time do Palestra Itália de São Paulo adotou o nome Sociedade Esportiva Palmeiras. O nome Palmeiras foi justificado como uma alusão às palmeiras imperiais brasileiras. A colônia italiana do Palestra de Minas Gerais, adotou o nome Esporte Clube Cruzeiro, em referência à constelação Cruzeiro do Sul. Mas em seus uniformes, os dois times continuavam a ter referências culturais das cores que representavam a Itália. O time do Palmeiras adotou no distintivo oficial as cores branca, verde e vermelha – cores da bandeira italiana, e o Cruzeiro optou pelo uniforme azul, alusivo à seleção italiana, chamada de esquadra *Azzurra*.⁴



Uniforme do Cruzeiro
Escudo inspirado na constelação
Cruzeiro do Sul, presente na Bandeira Brasileira
Figura. 04

⁴ Squadra Azzurra – Nome dado à seleção italiana, que significa, em português, Esquadra Azul.



Uniforme Palestra Itália
No lugar do Escudo Vermelho (à esquerda).
O Palmeiras adotou o novo escudo (à direita).
O uniforme verde do Palestra foi mantido para o Palmeiras
Figura.05

O Flamengo, nesse mesmo período do Estado Novo, também trocou o seu uniforme oficial de futebol. A equipe de remo do Flamengo usava o uniforme tradicional, camisa com listras horizontais nas cores vermelha e preta. O time de futebol jogava com camisas de listras horizontais listradas em vermelho e preto, mas entre as faixas vermelhas e pretas havia uma linha fina de cor amarela (Pereira, 2001). A direção, por medo de que o DIP associasse o uniforme a uma simpatia aos alemães, porque a cor da bandeira da Alemanha é vermelha, preta e amarela, resolveu tirar o amarelo do uniforme e adotou o tradicional uniforme rubro-negro, conhecido até hoje.

No Estado da Bahia, os times do Bahia, Vitória e Fluminense de Feira possuem elementos simbólicos que caracterizam os times. O Bahia, que surgiu em 1931, adota as cores do Estado da Bahia, azul, vermelho e branco, e o nome, Bahia. O Vitória, que é criado em 1899, adota como elemento os leões que enfeitavam muitos casarões existentes nos bairros da Barra, da Vitória e da Graça, local onde morava a maioria dos seus criadores. O Fluminense de Feira Futebol Clube é criado por Wilson Falcão em 1941. O nome do time é uma homenagem ao seu homônimo carioca, o Fluminense. Mas, as cores e o nome têm uma intencionalidade. Em Feira de Santana, entre 1930 e 1950, existiam muitos times com nomes de equipes cariocas, o Esporte Clube Flamengo, o Botafogo Esporte Clube e o Vasco Futebol Clube. Não existia nenhum time com nome do Fluminense. E a semelhança do time carioca com a cidade de Feira de Santana está nas cores que representam as duas instituições.

A bandeira do município de Feira de Santana possui as cores branco, vermelho grená e verde. O time do Fluminense de Feira tem como cores oficiais branco, vermelho grená e verde. A cidade e o time feirense são representados pelas mesmas cores, o que talvez possa ter sido um fato que auxiliou o time a ser bem aceito na cidade.



Bandeira de Feira de Santana
Figura. 06



Distintivo do Fluminense de Feira
Figura. 07

A Princesa e os Touros: notas sobre a história e a popularização do Futebol em Feira de Santana.

O nosso estudo de caso relaciona os usos e apropriações dos símbolos feirenses associados aos símbolos do maior representante do futebol na cidade de Feira de Santana, o Fluminense de Feira Futebol Clube. Buscamos desde o título mostrar os nomes como as duas instituições estudadas são reconhecidas pela sociedade local, um exemplo das relações híbridas que unem o time e a cidade, tendo a região do sertão como um lugar comum:

É o coração da terra flagelada o de que, com os meus companheiros, viemos todos à busca, nesta romanagem pelos sertões e pelo recôncavo, de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da antiga corte sertaneja à bela Princesa do Sertão.⁵

(RUY BARBOSA)

Fluminense bravo touro pioneiro / Alegria da torcida tricolor / Entre os clubes da Bahia és o primeiro / No gramado tu és sempre vencedor.⁶

(ANTÔNIO MOREIRA)

Dos epítetos acima retiramos as duas expressões que dão título a esta parte do nosso trabalho, “A Princesa e os Touros”. O nome afetivo como essas duas instituições são conhecidas nos servem como referência. O jurista e político baiano, Ruy Barbosa, em 1909, numa conferência realizada em Feira de Santana, chamou a cidade de

⁵ In: GAMA, Raimundo. *Feira de Santana e Ruy Barbosa: o pouso da Águia na “Terra Formosa e Bendita”*. Feira de Santana - S/ED: 2002.

⁶ Hino do Fluminense de Feira Futebol Clube. Letra e Música: Antônio Moreira (1969).

“Princesa do Sertão”. A cidade, por desfrutar de água abundante, ter um solo fértil e estar numa área geográfica limiar do sertão, era tida como um oásis de potencialidades de riqueza comercial, uma princesa no sertão.

Quanto ao Fluminense de Feira, o nome afetivo que está na memória, na cultura da cidade e da sua torcida é “Touros do Sertão”. Baseado na teoria dos símbolos e do Imaginário de Gilbert Durand (1997) e Daniela Pitta (2005), o touro é um animal que remete à virilidade, força e bravura, elementos muito louváveis para um time de futebol com o perfil de campeão. Além disso, o touro, na história feirense, é o animal que representa o esteio econômico do município, ganhando assim uma dimensão cultural e identitária relevante.

Em Feira de Santana, até o final da primeira metade do século XX, o futebol não despertava grande público na cidade, mas era bastante praticado nos distritos rurais⁷ do município e nas escolas. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os principais eventos de lazer e festividade da população feirense, eram as festas religiosas e suas respectivas comemorações profanas (POPPINO, 1968). Outros acontecimentos da vida social e política eram inauguração de praça, prédio público e escolas. Discursos e conferências políticas também movimentavam a cidade.

A formação e popularização do futebol em Feira de Santana foi peculiar. Diferentemente dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, etc., as elites locais não demonstravam grandes interesses pelo futebol.

O futebol em Feira de Santana era mais praticado entre estudantes e nos distritos rurais. Cada localidade rural feirense possuía, pelo menos, um time amador que disputava o campeonato da Liga Feirense. O campeão do torneio feirense ganhava uma vaga para participar do Campeonato Intermunicipal⁸, que reunia os melhores times do interior da Bahia, pois o Campeonato Baiano de Futebol, que foi criado em 1905, só era disputado por times da capital.

Havia também times na área da cidade de Feira de Santana, que em sua maioria, eram equipes formadas por grupos de trabalhadores de um mesmo setor produtivo, como alfaiates, carpinteiros, sapateiros, etc. Os times organizavam e disputavam

⁷ A cidade de Feira de Santana esta geograficamente dividida em: Cidade ou Zona Urbana, que corresponde aos bairros do centro e do entorno ao centro e Zonas ou Distritos Rurais, que corresponde à parte da cidade localizada afastada do perímetro urbano.

⁸ O Campeonato Intermunicipal existe até hoje, mas é disputado pelas seleções das cidades do interior do Estado da Bahia.

campeonatos, conforme aponta a nossa pesquisa realizada nos arquivos do jornal Folha do Norte, de 23 de março de 1942:

FUTEBOL NO SUBURBIO

Agulha X Sovela

Domingo 22, travou-se no campo do sobradinho, um reído encontro pebolístico entre os dois fortes conjuntos do Agulha X Sovela, ou melhor, Alfaiates X Sapateiros, terminando a pejeja com o empate de 1 X 1.

Segundo Antônio do Lajedinho, autor do livro *A Feira na década de 30* (2004), o público que comparecia aos jogos de futebol, como o citado na matéria jornalística, eram grupos pequenos, e em geral, formado por amigos e parentes dos jogadores.

A estrutura amadora na organização dos times, aliada ao desinteresse dos governantes e das elites locais, contribuíram para que o futebol pouco evoluísse na cidade, a ponto do estádio municipal ser dividido e vendido em lotes, com autorização do governo municipal em 1936.

A partir de 1940, o futebol feirense, motivado pelas excursões dos times que faziam partidas contra equipes locais, timidamente vai ganhando público e tentando se estruturar administrativamente. Os amistosos envolvendo times feirenses contra clubes de outros estados eram acontecimentos esportivos e festivos que mereciam atenção dos políticos e da imprensa local, conforme observamos na matéria intitulada, “A gloriosa visita do alvinegro carioca à Feira”, publicada no jornal Folha do Norte de 1942:

Chegou afinal a grande tarde. A.D Bahia, reforçada por jogadores do Ypiranga e do Vitória da capital, ia enfrentar o Botafogo do Rio. Renda nunca vista antes na Feira. As arquibancadas estavam lotadas.
(Folha do Norte – Janeiro de 1942)

Na ocasião da partida, o clube carioca foi recepcionado um dia antes do jogo pelo prefeito da cidade, Almáchio Boaventura, na sede da prefeitura. O *status* de grande evento também pode ser percebido pelas comemorações após a partida, vencida pelo Botafogo por 2 X 1, publicadas no Folha do Norte:

Abrilhou esta grande tarde esportiva a afinada filarmônica 25 de março, que se ofereceu espontaneamente para este fim.

A noite do mesmo dia, foi oferecido pela A.D Bahia aos rapazes do Botafogo do Rio um baile na sede da filarmônica 25 de março.
(Folha do Norte – Janeiro de 1942)

Com a criação do Fluminense de Feira, em 1941 as estruturações da Associação Desportiva Bahia e o Feira Futebol Clube, as disputas locais começavam a ganhar visibilidade, porém o futebol de Feira de Santana ainda não tinha times profissionais. A má administração, a falta de apoio político e a falta de profissionalismo dos jogadores eram os principais entraves para o progresso esportivo do futebol em Feira de Santana.

Em uma matéria jornalística de outubro de 1942, sobre a renúncia do presidente do time da A.D. Bahia, o Sargento Narciso Dias de Andrade justifica a sua saída da presidência em uma carta publicada no jornal. A tentativa de profissionalizar os atletas sem o apoio devido gerou dívidas. As críticas também são feitas aos dirigentes do time, associados e à administração municipal. Segundo ele:

Procurei ter ao meu lado alguns feirenses, moços inteligentes e trabalhadores, afim de que aumentassem o desenvolvimento esportivo nessa terra, preparando assim os futuros defensores deste país.
Mas como poderá fazer uma representação em nome desta terra, sem haver auxílio dos diretores, associados e do próprio município? Como poderia enfrentar outro município, cidade e estado sem haver gosto e colaboração dos dirigentes desse município? São estas as perguntas que farei a todos os *sportsmen* feirenses.
Tenho a dizer que numa cidade como esta que, vivia sem diversão esportiva e tendo necessidade e gosto disto promover, era obrigado para com os jogadores desta terra remunerá-los, classificando-os de profissionais e não amadores, o que não se registra em outros municípios, onde se pratica o esporte por amor ao esporte e amor à terra.
(Folha do Norte – Outubro de 1942)

É a partir de 1960 que o futebol em Feira de Santana vive o seu momento máximo de investimentos e popularidade, com o Fluminense de Feira Futebol Clube. Diversos fatores internos e externos ao futebol contribuíram para a década de ouro do futebol feirense. Pelo futebol, o Fluminense de Feira consagra-se bicampeão baiano, em 1963 e 1969, e vice-campeão em 1968. Nos outros anos, o time realizou boas campanhas na disputa estadual.

O time feirense é criado por Wilson da Costa Falcão e outros jovens das famílias tradicionais da cidade, em 1º de Janeiro de 1941. Por influência do Fluminense Football Clube, do Rio de Janeiro, os criadores do time local fazem uma adaptação do nome para Fluminense de Feira Futebol Clube e no distintivo é acrescentada mais uma letra F. No

decorrer de sua trajetória, o time feirense conquistou muitos títulos da liga feirense de futebol e dois campeonatos estaduais. As conquistas foram fundamentais para que o time ganhasse prestígio na cidade e fosse aclamado pela imprensa local como “o mais querido de Feira de Santana”, porém há outros condicionantes para a identificação tão forte entre a Feira de Santana o Fluminense de Feira

Houve um processo que incluiu fatores extra-campo, como a política, onde muitos dirigentes projetaram suas carreiras, ganhando experiência administrativa, dentro dos quadros de dirigentes do time. Aliás, iniciar a carreira política como presidente ou dirigente de time de futebol é ainda muito comum no Brasil.

Até de 1954, nenhum time de futebol do interior do Estado da Bahia participou do campeonato baiano, que era restrito somente aos clubes da capital. Fluminense de Feira e as outras equipes da cidade disputavam a liga amadora da cidade. No final de 1953, a federação baiana de futebol abriu espaço para que uma equipe do interior pudesse disputar o certame estadual. O fluminense, no início do ano de 1954, conquistava o tricampeonato da liga amadora feirense e montava uma estrutura que o credenciava a ser o primeiro time profissional do interior a integrar o campeonato baiano de futebol. No dia 20 de Janeiro de 1954 foi eleita a primeira diretoria profissional dos ‘Touros do Sertão’.

Essa primeira diretoria tinha uma peculiaridade muito comum à história do futebol brasileiro, a presença de políticos ou de aspirantes à vida política que iniciam a carreira dentro do futebol. Por essa associação de políticos e futebol o Fluminense de Feira é beneficiado, pois adquire maior projeção na imprensa. Em muitos casos, o time era o cenário para a projeção do político, como por exemplo, constatamos em notas do jornal Folha do Norte, nas ocasiões do aniversário do presidente do time, que também ocupava um cargo na administração pública.

Transcorre hoje, o aniversário natalício do Dr. Alberto Oliveira, presidente do “Fluminense de Feira Futebol Clube” e Secretário de Viação e Obras Públicas do Município, cargo em que vem se destacando pela sua operosidade. À noite, em sua residência, o aniversariante deverá receber os cumprimentos de seus inúmeros amigos.

(Folha do Norte: n.3129 – 05 de Abril de 1969)

E em outra situação em que, logo após um comentário esportivo, há um comentário sobre um político e empresário que ingressa na administração do time.

Por falar no líder absoluto do campeonato baiano, o dinâmico empresário José da Costa Falcão, assumiu, semana passada, a 1ª vice-presidência do Fluminense. Grande aquisição fez o clube mais querido da cidade.

(Folha do Norte: n.3137 – 31 de Maio de 1969)

Profissionalizado, o time feirense conquistou a terceira colocação no campeonato de 1962 e em 1963 sagrou-se campeão estadual, feito inédito para um time do interior. Em 1969 conquista o segundo campeonato baiano, mais um acontecimento histórico, pois até hoje, nenhum time do interior da Bahia tem dois títulos de campeonato estadual conquistados. 37 anos depois da última conquista do Touro do Sertão, uma equipe do interior conseguiu levantar a taça de campeã baiana de futebol, foi o Colo-Colo, da cidade de Ilhéus, após vencer, na final, uma equipe da capital, o E.C. Vitória.

O título baiano conquistado em 1969 consagrou um símbolo do Fluminense de Feira, os “Touros do Sertão”. Desde o ingresso no campeonato baiano, em 1954, a equipe de Feira de Santana foi jocosamente apelidada, pela imprensa de Salvador, de “Touros”. Era comum identificar os times por epítetos. O E.C. Bahia, o “Esquadrão de Aço”; Vitória, os “Leões da Barra”; Galícia, o “Demolidor de Campeões”, e o Ypiranga, “O Mais Querido”. O nome do Fluminense de Feira, naquele momento, era o único que não tinha a heróica designação.

A imprensa feirense, representando os brios feridos da sociedade local, apropria-se da nomenclatura da imprensa soteropolitana e começa a chamar o time de “Touros do Sertão”, *o bravo touro pioneiro*, representado no hino do time composto em 1969 por Antônio Moreira. Como já afirmamos anteriormente, as vitórias do Fluminense eram interpretadas como a vitória de Feira de Santana contra a capital. Podemos constatar este fato no caderno especial de edição comemorativa dos 50 anos do Fluminense de Feira, publicado no jornal Feira Hoje.

TERRA DE GADO:
"TOUROS DO SERTÃO"

O "aristocrático", do tempo do amadorismo, foi o "tabaréu" (caipira) do futebol profissional baiano, na época em que o Bahia era o "esquadrão de aço", Vitória "leão da Barra", Galícia "demolidor de campeões" e assim por diante. Calouro, do interior, o Flu ganhou logo seu batismo, nada lisonjeiro.

Mas o tricolor não ficou por baixo, começou a fazer das suas: fundiu o "esquadrão de aço", escorou o "leão da Barra", acabou com o "demolidor" e mudou a história do futebol baiano. Aí veio fácil e

ficou os "Touros do Sertão". Nunca mais o "tabaréu" ecoou na Fonte Nova. Alias a palavra caiu em desuso e hoje o sinônimo "caipira" é luxo. Que o digam Leandro e Leonardo e Chitãozinho e Xororó e outros menos votados.

(FEIRA HOJE / Sábado, 30/11/1991)

Nas conquistas de 1963 e principalmente no campeonato de 1969, os touros já eram motivo de orgulho na cidade. O nome "Touros do Sertão" dentro do cenário esportivo baiano virou o sinônimo de Fluminense de Feira. Em nota recente sobre o campeonato baiano de 2007, o jornal "A Tarde", da capital baiana, publicou uma nota em que podemos observar o respeito e a tradição do time.

FLU – nono colocado com apenas dez pontos, o Touro deste ano não honra a tradição do valente bicampeão baiano e único representante da segunda maior cidade do Estado.

(Jornal: A Tarde – n. 32.099 / 25 de Fevereiro de 2007).

Consolidado o nome "Touros do Sertão" na história do futebol baiano, as representações de imagens dos "Touros do Sertão" começam a ganhar forma em 1974, na ilustração feita pelo artista plástico Juraci Dórea para o livro "A história do Fluminense de Feira" (1974), do jornalista Adilson Simas.



Desenho do touro feito por Juraci Dórea.

Figura. 08

A partir da pesquisa de campo, realizada por nós no estádio Jóia da Princesa, nos dias de jogo do Fluminense de Feira, os desenhos do touro mais populares na cidade são as imagens das torcidas organizadas "força jovem" e "falange tricolor".



Torcida Força Jovem

(Fotos: Homero G. de Andrade – 15/11/2006 – Final da Copa Nordestinho)

Figura. 09



Torcida Uniformizada Falange Tricolor

Figura. 10

Observando as imagens dos touros, na representação de Juraci Dórea o touro aparece de forma estilizada, representado nas cores do time. Nos desenhos das torcidas organizadas, percebemos como os touros, um símbolo teriomórfico⁹, foi representado como animais fortes, desafiadores e intimidadores dos seus adversários. Características descritas pelos teóricos que estudam o Imaginário.

A identificação entre o time e a cidade foi mais intensa entre os anos de 1963 e 1969. Nesse período a equipe feirense conquistou os dois títulos de campeão e dois vice-campeonatos. Em outro exemplo, percebemos que a imprensa feirense denomina o time como o mais querido da cidade, afinal, o Fluminense de Feira era o único time da cidade que disputava o campeonato estadual. A nota a seguir, retirada do jornal *Folha do Norte*, é de um momento muito especial na história do time, pois marca a conquista do segundo título estadual, em 1969. Durante todo o campeonato, notas jornalísticas incentivavam os torcedores a comparecer ao estádio para apoiar o time.

E o Fluminense, líder absoluto do campeonato baiano, cumpre amanhã, mais um difícil compromisso contra o Itabuna. A torcida do mais querido da cidade vai, por certo, comparecer ao estádio, levando seu incentivo e o seu aplauso.

(Jornal: Folha do Norte – n. 3138 / 07 de Junho de 1969)

Nesse mesmo ano de 1969 o Fluminense de Feira liderou o campeonato do início ao fim, mas os dirigentes da federação mudaram as regras do campeonato, que era por

⁹ Teriomórfico é a classificação que Gilbert Duran atribui aos símbolos que tem forma de animais.

pontos corridos, pelos quais a equipe com maior número de pontos seria declarada campeã. Porém, sem esclarecimentos, os dirigentes da Federação Baiana de Futebol mudaram as regras do campeonato, o que provocou reações contrárias do Fluminense de Feira que ameaçou retirar o time da competição, alegando que as novas regras eram para beneficiar os times da capital. A Federação criou uma partida final entre o líder do campeonato, o Fluminense de Feira e o E.C. Bahia, considerado pela federação, por critérios duvidosos, o time de melhor índice técnico do campeonato. Após derrotar o E.C. Bahia dentro a Fonte Nova, em Salvador-BA, a disputa foi decidida pelo tribunal desportivo, que conferiu o título de 1969 ao Fluminense de Feira, depois de muitos protestos de jornalistas e políticos feirenses.

O ano de 1969 também foi marcado por uma outra disputa entre Feira de Santana e Salvador. Nesse ano, a fábrica de pneus Pirreli estava montando uma unidade fabril em Feira e Santana. A imprensa de Salvador, representando os anseios dos políticos soteropolitanos, dizia que a instalação de uma indústria, como a Pirreli, em Feira de Santana seria ruim para a Bahia. Nos bastidores, políticos feirenses e soteropolitanos defendiam a instalação da fábrica em suas cidades. No final, a direção da Pirreli optou por instalar sua unidade produtiva em Feira de Santana, motivo de orgulho na cidade, que venceu a primeira disputa do ano de 1969 contra a capital. Esse fato foi descrito assim, no editorial do jornal Folha do Norte de oito de fevereiro:

Ninguém vai dizer que felizmente, sem sombra de dúvida, Feira de Santana - não há para onde correr - é Bahia. E se há um município que tem contribuído para o engrandecimento e a prosperidade do Estado é o nosso que vem crescendo quase com suas próprias forças, e onde o auxílio estadual somente há pouco tempo tem chegado impôsto, em grande parte, pelo prestígio de que inegavelmente desfrutamos, porque somos a maior e a mais populosa cidade do interior e o nosso município é o que mais contribui para os cofres estaduais.

Dizem que a Bahia perde se vem uma indústria para o interior, para a Feira de Santana, não nos atinge apenas a nós, mas a toda a região sertaneja que Feira lidera. [...] A Bahia é o sertão que começa aqui, onde os homens ainda arregaçam as mangas para trabalhar. Aqui não esta apenas o futuro do estado, mas do país. Que venham as indústrias para o sertanejo e que as gazetas da Capital aprendam a respeitar o homem do interior.

(Jornal: Folha do Norte, n. 3121 / 08 de Fevereiro de 1969).

Seja na disputa do campeonato de futebol, em 1969, ou na disputa para instalação da fábrica da Pirelli, os feirenses alegavam que os dirigentes de futebol e os políticos

soteropolitanos sempre tomavam as decisões favoráveis para a capital. O sentimento de injustiça em relação a capital parece ter desenvolvido nos feirense uma auto-estima, em que as vitórias no futebol e na política ganhassem uma intensidade de ser considerada uma vitória da cidade de Feira de Santana. As celebrações sociais motivadas pelas conquistas do time atestam a importância que o Fluminense de Feira adquiriu na vida social. No jornal Folha do Norte, em 25 de Outubro de 1969, a imprensa descreve a intensidade da comemoração do campeonato baiano de futebol.

E a Feira de Santana viveu, domingo, a sua terceira micareta de 1969, quando a torcida do Flu compareceu as ruas para comemorar, mais uma vez, a indiscutível, merecida e irrefutável conquista do Campeonato Baiano.

(Jornal: Folha do Norte, n. 3158 / 25 de Outubro de 1969).

As outras duas festas de “micareta” foram a comemoração do título do time nos gramados, que a Federação não reconheceu, e a festa de micareta que tradicionalmente acontece na cidade no mês Abril.

CONSIDERAÇÕES:

Estudar o futebol como um tema transversal dentro da história é interessante para observar as formas de representação e sociabilidade entre indivíduos da sociedade, e desse modo analisar como são expressas as identidades sociais e culturais, tendo os símbolos como elemento comunicativo.

Ao longo do século XX podemos observar que em muitos acontecimentos históricos nacionais o futebol esteve presente como pano de fundo de enredos mais complexos. Estudar a história de grandes e pequenos times futebol é analisar um rico fragmento de micro-história que podem ser reveladores de tensões sociais.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Homero Gomes de. *A Princesa e os Touros: futebol, símbolos e memórias (1941-1969)*. In: Simpósio Internacional de História: História e Multidisciplinaridade – territórios e deslocamentos. São Leopoldo-RS: Oikos, 2007.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática: São Paulo, 2002.

DURAND, Gilbert. *As estruturas Antropológicas do Imaginário*. Martins Fontes, SP: 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. SP, Ed. Vértice: 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2ªed. UNICAMP, Campinas: 1992.

MEDEIROS, Lígia Maria Sampaio de. *Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando*. Santa Maria: sCHDs Editora: 2004.

MURAD, Mauricio. *Violência e Futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

Revista GOL – Outubro de 2007.

Sítios Eletrônicos:

www.cidadedofutebol.com.br

www.juarescorrea.com.br

Jornais:

Folha do Norte

N. 3121 / 08 de Fevereiro de 1969

N. 3138 / 07 de Junho de 1969

N. 3158 / 25 de Outubro de 1969

Feira Hoje

Data: 30 de Novembro de 1991

A Tarde

Caderno Cultural – p.6-11 / Data: 30/06/2006.

N. 32.099 / 25 de Fevereiro de 2007